

DOCUMENTAÇÃO

Devassa Contra um Terreiro de Calundu em Cachoeira, 1785*

Transcrição:
João José Reis
Universidade Federal da Bahia

“1785

Devassa ex-ofício de feitiçaria

Pasto desta vila

Auto de devassa de feitiçarias a que mandou proceder o Dr. Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira.

Escrivão Luis Caetano Monis Barreto

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e cinco aos dezessete dias do mês de Fevereiro do dito ano nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e casas de moradas do Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, onde eu Tabelião fui vindo sendo aí por ele dito Ministro me foi dito que à sua notícia chegou que dentro em uma casa nesta vila no pasto se faziam batuques, feitiçarias e ações supersticiosas, por cuja razão dando-se busca na dita casa nela foram achados os preparos que dizem ser de feitiçarias e constam do auto que fizeram os oficiais de justiça, e pelo dito Ministro me foi entregue e distribuído, e que para vir no conhecimento daqueles malefícios e das pessoas que os fazem e para ele concorrer com ajuda, favor ou conselho queria proceder a devassa, para o que mandou fazer este auto que assinou e

* Documento que serve de base para o artigo “Magia Jeje na Bahia: A invasão do calundu do Pasto de Cachoeira, 1785”, publicado neste número da *Revista Brasileira de História*. O original encontra-se no Arquivo Público do Estado da Bahia, Seção Judiciária, *Cachoeira, Devassas, 1785*, maço 1624.

apresentei o auto que fizeram os oficiais de Justiça com distribuição e adiante se segue, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Marcellino da Silva Pereira

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e cinco anos aos dezesseis dias do mês de Fevereiro do dito ano nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira às onze horas para a meia noite passando-me Manoel Ferreira de Moraes, escrivão do ventenário geral do campo com o mesmo ventenário Serafim dos Anjos Pacheco e outros oficiais de justiça em auto de ronda pela rua do Pasto, defronte das casas de Manoel Freire de Almeida, tendo notícia de que dentro na casa do preto Sebastião, e Antônio e Francisco e Thereza e Anna todos geges se faziam batuques e feitiçarias e ações supersticiosas e entrando dentro achamos já tudo acautelado, Thereza e Sebastião em uma camarinha onde estavam as mestrias e os mais em umas camarinhas e outros de pé assustados e cuidando em ocultar os preparos que servem aos seus malefícios dos Réus. Achamos na camarinha (de) Sebastião e Thereza uma flecha posta a prumo sustentada em si mesma sem arrimo de qualidade alguma posta sobre um papel estendido em terra cercada de uns cobres, uma moeda de meia pataca de prata e quatro vinténs também de prata que seriam dezoito vinténs pouco mais ou menos e na ponta de cima da dita flecha uma agulha espetada e sobre ela um penacho de penas curtas e espalhado pelo chão outros penachinhos, uns ferrinhos, várias cabacinhas com ingredientes para os seus malefícios, e outras com molhos e algumas ervas e uma garrafa com aguardadente e cavando-se na terra apareceram várias mestrias, como foram uns ferrinhos, uns bolos de cera da terra cravados de feijão, de arroz e (ileg.) que tudo se lhe tomou e se entregou ao alcaide dentro em uma cuia, e prendemos aos declarados, à ordem do Dr. Juiz de Fora desta vila e os conduzimos à cadeia onde debaixo de chave os entregamos ao carcereiro dela Dionísio José Pereira sem seu agravo, eu escrivão notifiquei os não soltasse sem ordem da justiça de que de tudo dou minha fé por passar e haver dado como fica relatado e para constar fiz este auto em que assinei como ventenário do meu cargo e eu Manoel Ferreira de Moraes que este fiz e assinei.

Manoel Ferreira de Moraes
Serafim dos Anjos Pacheco

Assentada

Aos dezessete dias do mês de Fevereiro de mil setecentos e oitenta e cinco anos, nesta Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e casas de morada do Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, onde eu Tabelião fui vindo sendo aí por ele dito Ministro foram perguntadas e inquiridas as testemunhas que para esta devassa foram notificadas e apresentadas pelo oficial de Justiça Serafim dos Anjos Pacheco e seus nomes, cognomes e sobrenomes, naturalidades, moradas, viveres, idades, costumes e ditos se segue de que para constar fiz este termo, Eu Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

1

Cláudio Homem do Nascimento, crioulo, forro, casado, natural da Muritiba e morador nesta vila no pasto, que vive de caminhar para Minas, de idade que disse ser de cinqüenta anos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que na noite declarada no auto foram presos uns pretos machos e fêmeas nesta vila em uma casa no pasto por serem achados dentro dela fazendo coisas supersticiosas de feitiçarias, e que se lhes apanhou algumas coisas de preparos para os ditos malefícios e mais não disse nem do seu costume e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Claudio + Homem do Nascimento

2

José Pereira, preto forro, solteiro, natural da Costa da Mina e morador nesta vila no pasto, que vive de comprar e vender, de idade que diz ser de vinte e seis anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que tendo ele testemunha alugado uma casa por dez tostões por mês a um preto por nome João do Espírito Santo no pasto, por ser a dita casa grande alugou uma das camarinhas da dita casa por quatrocentos réis por mês ao preto Sebastião de Guerra, forro, nação daomé, e indo este para Jacuípe, dali a quinze dias pouco

mais ou menos tornou e trouxe consigo o preto Antônio de Amorim de nação Tapa, o preto Francisco Rodrigues Leite de nação Marri, e a preta Thereza da mesma nação Marri, e todos se arrancharam na dita casa que ele testemunha alugou em a qual fazia pouca assistência assim de dia como de noite por andar tratando do seu serviço e negociações, e das poucas vezes que ia à dita casa só via aos pretos cantarem a língua da sua terra que ele testemunha não entende, e que em uma ocasião tendo razões na porta da dita casa um escravo do Padre Antônio da Costa com o dito preto Francisco, lhe disse que o dito Francisco, e os seus companheiros aqui nomeados tinham feito bem em saírem de Jacuípe porque o Padre Missionário os havia fazer vir amarrados por serem feiticeiros, e que por isso é que de lá tinham vindo, e que sabe por ser notório que na noite declarada no auto, não estando ele testemunha em casa, dentro de lá foram presos os referidos pretos, e a negra Anna gege, escrava de uma mulher que mora nesta vila por detrás da cadeia, e a preta Marcella, também gege, que dizem ser forra, moradora na Pitanga, por serem achados fazendo feitiçarias e que lhe foram apanhados algumas coisas supersticiosas as quais ele testemunha nunca viu porque as ocultariam dele, e mais não disse nem do costume e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

José + Pereira

3

O Alferes Silvestre da Conceição, crioulo, forro, solteiro, natural e morador nesta vila, oficial de Alfaiate, de idade que disse ser de cinqüenta e oito anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que em uma casa no pasto desta vila, foram presos uns pretos cujos nomes ignora, por serem feiticeiros, e que na ocasião da prisão se lhes achou alguns preparos supersticiosos para a dita feitiçaria e mais não disse, nem do costume disse nada e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Silvestre da Conceição

4

Antônio Moreira Gulpilhares, pardo forro, viúvo, natural e morador nesta vila, que vive do seu ofício de Alfaiate, de idade que disse ser de cinquenta e dois anos mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ouvir dizer a José Ferreira, e a Theodozio de tal, oficial de seleiro, que um preto chamado Sebastião e outros cujos nomes ignora dançavam calundus e sabe por ser público e notório que os ditos pretos foram presos e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

Pereira

Antônio Moreira Gulpilhares

5

Theodozio de Araújo Silva, homem branco, casado, natural do porto de São Félix e morador nesta vila, oficial de seleiro, de idade que disse ser de quarenta anos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ver por morar vizinho da casa em que assistiam os pretos Sebastião, Francisco e outros cujos nome ignora, e uma negra que se não lembra do nome, em a qual se ajuntavam bastantes negros e negras aos quais não conhece, que todos armavam uma dança dentro da dita casa e cantavam língua de gege, e tocavam o instrumento de um ferrinho, e em lugar de Tabaque na boca de um pote tocavam e era público que a dita dança era de calundus, e que os ditos pretos que na referida casa moravam se inculcavam por curadores de feitiços, e que sendo presos se lhes achou algumas coisas supersticiosas e preparatórias para coisas diabólicas e mais não disse. E sendo perguntado pelo referimento da testemunha antecedente Antônio Moreira Gulpinares, disse ser verdade ter dito à dita testemunha o que ela diz ter-lhe ouvido e que a razão que tem para o saber é a que aqui tem exposto no seu juramento acima e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

Pereira

Theodozio de Araújo Silva

6:

O Alferes José Freire de Almeida, branco, casado, natural da cidade da Bahia e morador nesta vila, que vive de negócios, de idade que disse ser de trinta e três para trinta e quatro anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que na noite em que foram presos uns pretos em uma casa na mesma rua em que ele mora no pasto, ouviu dizer publicamente que os ditos pretos cujos nomes ignora iam presos por serem achados com coisas supersticiosas e de feitiçarias e que dançavam calundus, e que tinham vindo de cima corridos por serem feiticeiros. E sendo perguntado pelo referimento da testemunha Antônio Moreira Gulpinares, disser ser certo o que disse a dita testemunha e que ele a razão que tem para saber é a que tem declarado neste juramento e mais não disse, nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

Pereira

José Freire de Almeida

Aos vinte e hum dias do mês de Fevereiro de mil setecentos e oitenta e cinco anos, nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira e casas de morada do Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, onde eu Tabelaio fui vindo, sendo aí por ele dito Ministro foram perguntadas as testemunhas que pelo ventenário geral do Campo Serafim dos Anjos Pacheco foram notificadas e apresentados seus nomes, cognomes, sobrenomes, naturalidades, moradas, viveres, idades, costumes e ditos se segue de que para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

7

Laureano da Costa Braga, homem branco, solteiro, natural da vila de Asiseira, Patriarca da de Lisboa, e morador nesta vila que vive de negócio, de idade que disse ser de quarenta e quatro anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que uns pretos que foram presos, um chamado Sebastião e os mais ignora os seus nomes, dançavam calundus e mais não disse nem do

costume e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Laureano da + Costa Braga

8

José Luis de Azevedo, homem branco, casado, natural e morador nesta vila, que vive de negócio, de idade que disse ser de trinta e nove anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que vendo ele testemunha saírem presos de uma casa no pasto uns negros dos quais só sabe o nome de um chamado Sebastião, foi público e notório que haviam sido presos porque estavam fazendo feitiçarias e que lhe acharam umas flechas, uns penachinhos, umas cabacinhas, e uma flecha em pé sem ter coisa alguma que a segurasse, e um pouco de unguento muito fedorento e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

José Luis de Azevedo

9

Antônio Luis Gomes, casado, natural e morador nesta vila, que vive de negócio, de idade que disse ser de trinta e três anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que os pretos Sebastião, Francisco e outro cujo nome ignora, moradores no pasto, são feiticeiros, e que na noite em que foram presos ele testemunha acompanhou aos oficiais de justiça por ser para isso notificado e ficou no cerco da parte dos fundos da dita casa, e que depois de entrarem os oficiais de Justiça, entrou ele testemunha, e lhe mostraram os oficiais dentro em uma cuia uma flechinha com uma cabecinha na ponta, uns penachinhos e umas cabaças pequenas e uns búzios que tudo disseram os ditos oficiais estava estendido no chão, e também viu um saco de folhas, e uma bolceta cheia de um unguento branco muito fedorento, e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Antônio Luis Gomes

O Alferes Manoel Freire de Almeida, branco, casado, natural da cidade da Bahia e morador nesta vila, que vive de negócio, de idade que disse ser de quarenta e três anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que na noite em que foi preso o negro Sebastião e outros cujos nomes ignora, chegou ele testemunha à porta da casa dos ditos negros na dita ocasião da prisão e ali em mão dele oficial de justiça viu um pauzinho ou pedaço de flecha com um ferrinho na ponta e várias miudezas que não distinguiu por ver na rua e ser noite e escuro e sabe por ser público e notório que dançavam calundus e faziam feitiçarias, e sabe mais por ver que na mesma ocasião foram presas na dita casa três negras, e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Manoel Freire de Almeida

Aos vinte e cinco dias do mês de Fevereiro de mil setecentos e oitenta e cinco nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e casas de morada do Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, onde eu tabelião fui vindo, sendo aí por ele dito Ministro foram perguntadas e inquiridas as testemunhas que para esta devassa foram notificadas e seus nomes, cognomes e sobrenomes, naturalidades, moradas, viveres, idades, ditos e costumes se segue e para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Joaquim José dos Santos, branco, casado, natural de Grijol, termo da cidade do Porto e morador nesta vila, Escrivão da vara do Alcaide, de idade que disse ser de trinta e um anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que na noite declarada no auto, sendo ele testemunha chamado para a ronda, e indo a ela cercaram uma casinha no pasto que se disse moravam nela uns negros feiticeiros, e que todas as noites faziam batuques, e abrindo-se a porta da dita casa nela acharam uns negros e negras e caminhando ele testemunha para uma camarinha, dando busca nela, tanto que foi chegando a um canto viu um pauzinho ou flecha que teria de comprimento dois palmos e meio pouco mais ou menos, com um penachinho de penas na ponta, o qual pauzinho

estava de pé e assim que ele testemunha foi chegando a ele entrou o tal pauzinho a mover-se e andar a roda até que se deitou no chão, e no dito lugar espalhado pelo chão estavam umas moedas de prata e cobre, espalhadas por baixo do mesmo pauzinho umas cuias e cabacinhas com sementes, folhas e unguento, e prenderam aos pretos e pretas que na dita casa estavam e os trouxeram para a cadeia, e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Joaquim José dos Santos

12

Luis de Pina Rosa, branco, casado, natural do termo da vila de São Francisco e morador nesta vila, que vive de seus bens, e idade que disse ser de sessenta e cinco anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e jurou dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse sabe por ser público e notório que se prenderam uns pretos por dizerem que eram feiticeiros, e que na casa em que os prenderam se tinha achado umas miudezas que diziam ser com que faziam as suas feitiçarias e não sabe quem são os ditos pretos e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Luis de Pinna Rosa

13

Manoel Luis Ferreira, branco, casado, natural da freguesia de São Martinho Frazão, termo da cidade do Porto e morador nesta vila, que vive de negócio, de idade que disse ser de cinquenta e cinco anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e jurou dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse nada e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Manoel Luis Ferreira

Manoel de Almeida Cardoso, homem branco, casado, natural da cidade de Angra e morador nesta vila, que vive de negócio, de idade que disse ser de vinte e seis anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e jurou dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que ele testemunha, sendo notificado para acompanhar a ronda e com efeito indo em companhia dos oficiais de Justiça na noite declarada no auto, cercaram uma casa no pasto, e arrombando-se, digo no pasto, e batendo-se na porta a abriram, e ele testemunha foi o primeiro que na dita casa entrou e achou em uma camarinha deitado uma negra, em outra outra negra com um negro deitado, e na outra outra negra com outro negro também deitados, e na cozinha um crioulo sapateiro tomando banho dentro em uma gamela e que as portas das ditas três camarinhas estavam fechadas e ele testemunha as arrombou, e que na camarinha em que estava um negro mais velho de rosto grande deitado com a negra, viu ele testemunha em um dos cantos uma flechinha em pé com uma agulha em cima, e da dita flecha desciam duas pontas para baixo, e em cada uma delas um penachinho, e estava bulindo sem coisa em que se segurasse, e assim que ele testemunha pegou na dita flecha logo cá, digo testemunha quiz pegar, antes que lhe tocasse caiu no chão ambas as pontinhas que saíam da dita flecha com os penachinhos, e por mais diligência que fez para armar como estava lhe não foi possível, e no pé da dita flecha, estendido pelo chão, estava meia pataca de prata e uns cobres e duas moedas de quatro vinténs de prata, e disse mais que as moedas de duas patacas eram duas, e também tinha no chão umas cabacinhas com umas pedrinhas, umas folhas muito fedorentas, e um pouco de unguento também fedorento, e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Manoel de Almeida Cardoso

Diogo José de Freitas Padilha, branco, casado, natural da cidade de Olinda e morador nesta vila, ventenário da freguesia de São José das Itaporococas, termo desta vila, que disse ser de idade trinta anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e jurou dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que na noite declarada no auto ele testemunha com outros oficiais de Justiça e outras

peessoas cercaram uma casa no pasto, e abrindo-se a porta acharam dentro dela uns negros e negras, e se arrombaram as portas de umas camarinhas e dentro de uma delas estava um negro por nome Sebastião e uma negra, e em um canto estendida uma folha de papel limpo e sobre ela espalhadas umas moedas de prata e cobre e uma flecha em pé com uma agulha espetada na ponta de cima, e na mesma ponta um penachinho de penas que estava por si só bulindo sem que houvesse coisa visível que o fizesse mover, e querendo Manoel de Almeida Cardoso pegar na dita flecha esta caiu no chão antes que nela pegasse, e fazendo-se diligência para se por em pé não foi possível, e junto à mesma flecha estavam umas cabacinhas, umas raízes, umas folhas, e um pouco de unguento, e que não sabe dos nomes do ditos pretos, e só do Sebastião por ouvir dizer assim se chamar e ser o que estava dentro da camarinha onde se achou a flecha, e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

Pereira

Diogo José de Freitas Padilha

Aos cinco dias do mês de Março de mil setecentos e oitenta e cinco anos nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira e casas de morada do Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, onde eu Tabelaio fui vindo, sendo aí por ele foram perguntadas e inqueridas as testemunhas que para esta devassa foram notificadas e seus nomes, cognomes, sobrenomes, naturalidades, moradas, viveres, idades, costumes e ditos se seguem de que para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

16

Manoel de Miranda Abreu, pardo, forro, solteiro, natural da vizinha freguesia do Oiteiro Redondo, termo desta vila, que vive do seu officio de Alfaiate, de idade que disse ser de cinqüenta e quatro para cinqüenta e cinco anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um Livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que foram presos uns negros por serem feiticeiros, e que depois disso vindo ele testemunha de Jacuípe lhe disse em caminho José Maria crioulo, morador em Jacuípe no Cavaco, que o preto Sebastião e outro de pequena estatura que estão presos tiraram muito dinheiro em Jacuípe em fazerem curas de feitiços e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelaio o escrevi.

Pereira

Manoel de Miranda Abreu

17

João Gonçalves Amora, pardo, forro, solteiro, natural de Itaparica e morador nesta vila, que vive do seu ofício de Alfaiate, de idade que disse ser de vinte e quatro anos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto disse nada e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

João Gonçalves Amora

18

José Fellis de Mello, branco, casado, natural de Inhambupe de Cima e morador nesta vila, que vive de andar para Minas por arrieiro, de idade que disse ser de vinte e oito anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse sabe por ser público e notório que o preto Sebastião e outro mais cujo nome ignora são feiticeiros, e que por isso foram presos e mais não disse nem do costume e assinou com o dito ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

João Fellis de Mello

19

Francisco de Araújo Moreira, homem branco, solteiro, natural da vila de São Miguel e morador nesta vila, que vive do ganho dos seus escravos, de idade que disse ser de sessenta anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse sabe por ser público e notório que uns negros cujos nomes ignora foram presos por serem feiticeiros e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Francisco de Araújo Moreira

244

José Morcira Gulpilhares, pardo, forro, solteiro, natural e morador nesta vila, que vive do seu ofício de Alfaiate, de idade que disse ser de vinte e seis anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse sabe por ser público e notório que o preto Sebastião e outros que foram presos eram feiticeiros e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

José Moreira Gulpilhares

O Alferes Manoel Antônio da Purificação e Silva, crioulo forro, solteiro, natural e morador nesta vila, que vive do seu ofício de Alfaiate, de idade que disse ser de trinta e quatro anos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto disse nada e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Manoel Antonio da Purificação

Aos onze dias do mês de Março de mil setecentos e oitenta e cinco anos, nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e casas de morada do Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, aí por ele dito Ministro foram perguntadas e inquiridas as testemunhas que para esta devassa foram notificadas e apresentadas pelo ventenário geral do campo Serafim dos Anjos Pacheco e seus nomes, cognomes, sobrenomes, naturalidades, moradas, viveres, idades, costumes e ditos se segue de que para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Antônio José Pinto, branco, casado, natural do termo de Guimarães, Arcebispado de Braga e morador nesta vila no pasto, que vive de sua venda, de idade que disse ser de trinta e dois anos, testemunha jurada aos Santos

Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse nada e assinou com o dito Ministro, Eu Caetano Monis Barreto o escrevi.

Pereira

Antônio José Pinto

23

Felipe Neri Ribeiro, pardo, casado, natural da cidade da Bahia e morador nesta vila, que vive do seu ofício de Latoeiro, de idade que disse ser de dezenove anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse nada e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Felipe Neri Ribeiro

24

Gregório José da Costa, homem branco, solteiro, natural da freguesia do Soupo, termo da vila de Diaminha, comarca de Valença, Arcebispado de Braga, morador nesta vila no pasto, que vive de suas agências, de idade que disse ser de trinta e nove anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse nada e assinou com o Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Gregório José da Costa

25

Pedro José Ferreira Paixão, branco, casado, natural da cidade do Porto e morador nesta vila, que vive do seu ofício de cabelereiro, de idade que disse ser de cinquenta e cinco anos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que em uma casa no pasto prenderam-se uns pretos cujos

246

nomes ignora por serem feiticeiros e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Pedro José Ferreira Paixão

Aos dezessete dias do mês de Março de mil setecentos e oitenta e cinco anos, nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e casas de morada do Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, onde eu Tabelião fui vindo, sendo aí por ele foram perguntadas e inquiridas as testemunhas que para esta devassa foram notificadas e apresentadas pelo ventenário geral do campo Serafim dos Anjos Pacheco e seus nomes, congnomes, sobrenomes, naturalidades, moradas, viveres, idades, costumes e ditos se segue do que para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

26

José Ferreira de Souza, cabra, forro, casado, natural e morador nesta vila, que vive do ofício de barbeiro, de idade que disse ser de vinte e oito anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que sabe por ser público e notório que os pretos Sebastião e mais dois cujos nomes ignora eram feiticeiros, e que por esta causa sendo presos, foram também presas duas negras por estarem na dita casa na ocasião da dita prisão e mais não disse nem do costume e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

José + Ferreira de Souza

27

Francisco de Passos da Soledade, cabra, forro, solteiro, natural da vizinha freguesia do Oiteiro Redondo e morador nesta vila, que vive do seu ofício de Alfaiate, de idade que disse ser de vinte e cinco anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ouvir dizer publicamente que os pretos Sebastião, Francisco, e Antônio eram feiticeiros e que por isso foram presos e mais não disse nem do costume e assinou com o dito Ministro, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Francisco de Passos da Soledade

28

Antônio Caetano, branco, casado, natural da vila de Maragogipe e morador nesta vila, que vive de pescarias e prender negros fugidos, de idade que disse ser de quarenta e oito anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse que andando ele testemunha de ronda com os oficiais de Justiça foram prender uns negros que moravam no pasto e ouviu dizer serem feiticeiros, e ele testemunha ficou fora da casa no cerco dela e com efeito prenderam os ditos negros cujos nomes ignora também vieram presas umas negras por serem achadas naquela ocasião na dita casa, e tem ouvido dizer que as ditas negras não usavam de feitiçarias nem para elas concorriam e mais não disse nem do costume e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Antonio + Caetano

29

José de Santa Eufrazia, preto gege forro, solteiro, morador nesta vila, que vive do seu ofício de barbeiro, de idade que disse ser de trinta anos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse nada e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

José + de Santa Eufrazia

248

Clemente da Rosa, crioulo forro, solteiro, natural de Capanema, termo da vila de Maragogipe e morador nesta vila, que vive de suas agências, de idade que disse ser de trinta anos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em um livro deles em que pôs sua mão direita e prometeu dizer verdade.

Perguntado devassamente pelo conteúdo no auto, disse saber por ser público e notório que o preto Sebastião, outro preto de estatura baixa chamado Francisco, e outro preto cujo nome ignora são feiticeiros e por isso foram presos, e que na ocasião da dita prisão por se acharem na dita casa umas pretas também foram presas e mais não disse nem do costume e assinou o dito Ministro e a testemunha com uma cruz por não saber escrever, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Pereira

Clemente + da Rosa

Termo de conclusão

Aos dezessete dias do mês de Março de mil setecentos e oitenta e cinco, nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, fiz esta devassa conclusa ao Doutor Juiz de Fora Marcellino da Silva Pereira, de que para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Obrigam as testemunhas desta devassa a prisão, e livramento aos pretos Sebastião de Guerra, Francisco Rodrigues Leite e Antônio de Amorim, todos forros, o primeiro de nação Dagomé, o segundo Marri, o terceiro Tapa, e as pretas Thereza, e Anna, o Escrivão os passe ao rol, e as ordens para serem recomendados na cadeia. Cachoeira de Março 17 de 1785.

Pereira

Aos dezessete dias do mês de Março de mil setecentos e oitenta e cinco anos nesta vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e casas de morada do Doutor Marcellino da Silva Pereira, onde eu Tabelião fui vindo, sendo aí por ele dito Ministro me foi entregue esta devassa com o seu despacho de pronúncia retro que mandou se cumprisse e guardasse como nela se contém de que para constar fiz este termo, Eu Luis Caetano Monis Barreto Tabelião o escrevi.

Lançado no rol dos culpados folha 28v, folha 122v, folha 348, folha 302v.

Para o Sr. Dr. Juiz de Fora:

Distribuição	\$080
Do auto	\$050
Assentada.....	\$240
Inquérito.....	\$200
Pronúncia	\$200
Conta.....	\$080
Soma.....	1\$850

Barreto

Salário do escrivão:

Autuação e razão	2\$746
Assentada.....	\$240
Carr ^o	\$240
Definit	\$085
Desta conta	\$080
	3\$391
Do contado acima.....	1\$850
Das notificações.....	6\$000
Soma.....	11\$241

Pereira

Visto em residência do Dr. Marcellino da Silva Pereira.
Costa (?)”